

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

30 de Julho de 1914

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1281

CRONICA OCCIDENTAL

Mundo em fóra, pró e contra, veementemente, discutem-se as moções relativas á greve geral apresentadas no recente congresso socialista.

Pacifismo — ha muitos anos, formou-se esta palavra e inseriu-se, á pressa, nos dicionarios, que dahi para o diante começou a designar uma teoria nova, pretenciosa ao máximo, sem probabilidades de realisações praticas. Quem póde contentar-se

com palavras, nada mais tem a exigir. Os planetas continuaram a descrever em volta dos sóes as suas órbitas, tranquilamente. E, sem preocupações nem hesitações, as grandes potencias continuaram a votar, como dantes, mais do que dantes, verbas consideraveis destinadas á aquisição de armamento. Haja em vista, a este respeito, a lei promulgada na Alemanha por volta de 1913.

Entanto, parece, os partidarios da democracia social, que mais preconisaram a ideia de desarmamento universal, não pó-

dem quedar-se que não se sintam ingloriamente logrados, em vista das ameaças e disturbios dimanados das varias chancelarias.

Por vezes, esteve profetisada, senão imminente, uma conflagração universal. Escaramuças horrivelmente sangrentas nos Balkans. Carnificinas hediondas no Mexico. A Alemanha aumenta num apice a sua armada? Logo, a Inglaterra se impõe o dever de aumentar a sua em dois. Os Estados Unidos da America do Norte estre-mecem de onde a onde o dorso formi-

Curso Juridico-Theologico de 1879-1880, reunido em Coimbra



1.º plano — DR. ALBERTO CARDOSO DE MENEZES, DR. CARLOS ALBERTO XAVIER D'ANDRADE, DR. JOSÉ MARIA CARDOSO SEIXAS, DR. ANTONIO ALBERTO TEIXEIRA LOBATO, DR. ANTONIO LUIZ DE FREITAS E DR. ALFREDO AUGUSTO DA FONSECA ARAGÃO.
2.º plano — DR. LOPO DE MELLO ABREU CASTELLO BRANCO, DR. ALBERTO CARLOS TEIXEIRA DE BRITO, PADRE FRANCISCO DOS PRAZERES, DR. CONSTANTINO ELISIARIO RIBEIRO PEIXOTO, PADRE MANOEL ANTONIO DE AZEVEDO MAIA, DR. JAYME MAGALHÃES LIMA E DR. JOSÉ DE SOUSA MENDES.
3.º plano — DR. MANOEL PEREIRA MACHADO E DR. ANTONIO CAMPOS MELLO.
No medalhão — DR. ALBANO DE SÁ LIMA.

(Cliché de J. M. dos Santos)

dando. Ao longe, o Japão não repousa inutilmente e vae erguendo, mais alto e mais, os seus longos sonhos opiados de imperialismo. A França não sofria sem impaciencia a amargura de desastres succedidos em anos não remotos e por emquanto dá-se a questionar variamente sobre a lei do serviço militar...

Em face disto, que pôdem pretender ainda os defensores acerrimos do pacifismo? Realisá-lo, tanto quanto possível, imediatamente?... Foi esta a intenção unica que presidiu á convocação do congresso socialista recém-realizado. As moções ali apresentadas são de ordem varia e mereceram da imprensa as mais diversas apreciações. Assim, aparece-nos, em primeiro lugar, a moção radical de Hardie-Vaillant. Proclama, *tout-court*, a eficacia da greve geral, sendo para considerar a sua importancia nas industrias que fornecem instrumentos de guerra. A' evidencia, esta moção é antipatriotica. A realizar-se, equivaleria a entregar, inerme e inerte, uma patria ás garras aduncas do adversario. Deste modo, seria um perigo flagrante para os proprios socialistas que, comtudo e apesar de tudo, fazem parte integrante duma nacionalidade.

Integrados numa nacionalidade, são, como todos, mais do que os outros, vítimas dos revezes de que ella sofre. Inevitavelmente. Isto mesmo, disse-o Jules Guedes que combateu energicamente a moção estreita e extrema de Hardie-Vaillant.

Conciliatoria, intermediaria, surge uma moção proposta pela comissão, devida á pluma lucida de Jaurès. Consoante a expressão do seu texto, «entre todos os meios empregados para prevenir e impedir a guerra, e para impôr aos governos o recurso á arbitragem, o congresso considera como particularmente eficaz a greve geral obreira simultaneamente e internacionalmente organizada nos paizes interessados, e outrosim a agitação e acção populares sob as suas fórmulas mais effectivas».

Isto é, assinala um dos numerosos meios a empregar, não menciona especialmente as industrias utilizadas pelo exercito e marinha, e insiste, sobretudo, no caracter que a greve deve ter. Organizada «simultaneamente e internacionalmente»!

Muito bem. Teoricamente, o problema está resolvido. Entanto, será susceptível de realisação conveniente a teoria?

Eis uma questão nova...

Esta moção ultima é defendida valorosamente por Jean Jaurès, nas colunas da sua gazeta, com um amor enternecido e incondicional de pae. Ele põe ao seu serviço em linha de combate os tropos da sua eloquencia magna. E para isso, crepiamente nos progressos da Internacional e influencia sempre crescente das ideias sobre os povos.

Ilusões? Talvez. Vejâmos. Apliquemos o caso a um exemplo meramente pratico. Sabemos das relações diplomaticas, cheias de melindres, iniludivelmente tensas, que existem entre a França e a Alemanha. A todo o momento, pôde erguer-se a probabilidade duma guerra declarada. Que fariam, neste caso, os socialistas da França? Evidentemente, supondo que todos os socialistas francezes sejam da opinião de Jaurès, reconhecemos que haveriam de promover, com energia, a todo o custo, a greve geral obreira, procurando solidarizar

no seu esforço os socialistas da Germania. Os revolucionarios dum paiz pôdem saber ao certo, precisamente, como e quando os revolucionarios do outro paiz irão suspender o trabalho? Uma simples diferenca de tempo e processos pôde ocasionar difficuldades insuperaveis.

Demais, resta saber se os socialistas alemães dão apoio certo á moção defendida por Jaurès. Tudo leva a crer que não. O Congresso Internacional de Viena nol-o poderá dizer categoricamente. Mas Eugène Fourrière já disse algures que «para a propaganda anti-militarista os alemães estão ainda por muitos anos em atrazo, relativamente aos francezes». Neste ponto, como em muitos outros, um desacôrdo absoluto afasta do socialismo francez o socialismo germanico...

ANTONIO COBEIRA.



Poemas em prosa

Ode aos Poetas

J'aime! voilà le mot que la nature entière
Crie au vent qui l'emporte, à l'oiseau qui le suit!
Sombre et dernier soupir que poussera la terre
Quand elle tombera dans l'éternelle nuit!
Oh! vous le murmurez dans vos sphères sacrées
Étoiles du matin, ce mot triste et charmant!
La plus faible de vous quand Dieu vous a créés,
A voulu traverser les plaines éthérées,
Pour chercher le soleil, son immortel amant.
Elle s'est élancée au sein des nuits profondes,
Mais une autre l'aimait elle-même; — et les mondes
Se sont mis en voyage autour du firmament.
.....
Non, l'amour qui se tait n'est qu'une rêverie.
Le silence est la mort, et l'amour est la vie.

ALFRED DE MUSSET.

O' Poetas do amor que vindes pela estrada da Vida fóra tangendo as vossas lyras de oiro, estranhas almas de sonho e sofrimento que pairaes sobre o lodaçal deste mundo procurando descobrir a flôr de lotus da divina inspiração! Entes incompreensíveis, alucinados sublimes para quem a mocidade é uma eterna canção e a existencia uma e terna magoa! Tristes visionarios que no silencio das noites luarentas conversaes com as estrellas prateadas que recamam o munto azul do espaço, e em cada uma delas, em cada um desses mundos suspensos e luminosos admiraes a obra suprema da Creação e o grande poder de Deus! Pálidos menestres, romanticos trovadores, eternos desgraçados, eu vos saúdo, ó Vates!

Como velhos peregrinos caminhaes a custo, rasgando os pés nas ursez dos caminhos e erguendo aos ceus as vossas fronte aureoladas em que o Geneo imprimiu o estygma fatal dos predestinados!

O Amôr, a Virtude e a Belêsa povôam os vossos sonhos, inspiram as vossas estrofes e formam as corôas de espinhos que ensanguentam os vossos rostos.

Como Jesus, ao arrastar-se para os escarpados cerros do Calvario, carregaes com a vossa cruz e como Ele, escarnecido e agonisante, com os olhos marejados de infinita magoa, o peito aberto pela lança pretoriana, mãos e pés a gotejarem sangue como pequeninos rubis brilhando na escuridão da noite, sereis crucificados entre ladrões e sofrereis as vaias e os ana-

temas das turbas que não vos comprehendem.

O' divino Musset, tu o mais inspirado de todos esses grandes espiritos e talvez o mais torturado de todos eles; tu que soubeste amar e cantar o amor como ninguém, com as suas esperanças, as suas loucuras e os seus desespêros; tu que encontraste sempre a Dôr, de pé, no teu caminho e acalmaste as tuas noites tragicas de febre procurando no absintho o eterno esquecimento; dize-me tu, ó visionario sublime, ó Poeta supremo de *Rolla*, *Namouna*, *Les Nuits*, se o Genio não é uma triste predestinação e se não vale mais, neste planeta prosaico em que vivemos, ser um bom burguez grave e ponderado que come tres vezes ao dia e ressona todas as noites, invariavelmente, durante sete horas consecutivas...

Dizei-me vós Byron, Camões, Baudelaire, Chenier, Verlaine, Chatterton — estes ultimos arrastando a sua estranha odysséa de fome e de miséria — dizei-me vós se a gloria não é uma vã outopia e se as estátuas e as homenagens posthumas das gerações vindouras são coisas que compensem as horas amarguradas das vossas existencias?

Dizei-me vós, ó espiritos sublimes, se o verme humilde que rasteja não é mais feliz que a estrella brilhante que ilumina mas que, mal vem rompendo a manhã livida, parece apagar-se no azul distante...

Quantas vezes os proprios triunfadores como Hugo, Garrett, Lamartine, não terão invejado, nos seus momentos de desalento, a vida monotona e sadia desses rudes trabalhadores dos campos que, a peito descoberto e cabelleira ao vento, amanhã as suas terras e cavam de sol a sol, tendo sempre como elles uma canção na boca, mas não sentindo a impressão do Pensamento a martelar no cerebro, nem a flôr roxa da saudade a germinar-lhe na alma.

O' eternos desgraçados, loucos visionarios que, como os fumadores de opio, vos embalae nas miragens risonhas dos vossos devaneios, vós sois ó Poetas que eu adoro, os martyres consagrados nas catacumbas dos nossos corações e é a musica divina das vossas rimas d' aço que nos embriaga e enleva, como o vinho côr de topasio a transbordar das taças ou a flôr vermelha do beijo despontando nuns labios de mulher.

Sois vós, sois vós que eu escuto e oiço no silencio da minh'alma enervada, desalentados como Espronceda, Bartrina, Cesario Verde, Antonio Nobre, José Duro, victoriosos como Vigny, Rostand, Bilac, Junqueiro, Gomes Leal, Machado d'Assis, Luiz Delfino; tragicos e sombrios como Dante, percorrendo com Virgilio os ciclos do Inferno ou Antero evocando nos seus sonetos impecaveis os cavalleiros cobertos de armaduras negras das suas noites em claro.

Espiritos belos, espiritos superiores, astros de luz que Deus joeirou da poeira da terra, eu vos saúdo Poetas do Amôr e do infortunio, estranhas almas de sonho e sofrimento que vindes pela estrada da Vida fóra tangendo as vossas lyras de oiro e procurando descobrir a flôr de lotus da divina inspiração...



PRAÇA FORTE À BORDA DO MAR

Coleção Moreira Freire

PRIMEIRO BEIJO



à recolheu o Dia ao seu casal.
Mas pôs-se logo a Noite, sua mãe,
Tristonha, a caminhar de vale em vale. . .

E enquanto a Noite não assema além,

O crepusculo afoga, extingue a braza
Do peente, e o silencio plaina, vça
Sobre a paisagem. Nem ha rumor de asa
Que perturbe esta hora meiga e boa.

Um doce aroma sobe do jardim. . .
Que bem que eu estou contigo á minha beira,
Sorvendo, n'um encanto, a tua fala !. . .

O meu Amor, foi n'uma tarde assim,
Que Jesus beijou pela vez primeira
A boca de Maria de Magdala. . .

Curso Juridico-Theologico de 1879-1880

Reuniu em Coimbra pela primeira vez, no corrente ano, depois da sua formatura, o curso Juridico-Theologico de 1879-1880. O que se passou entre os 16 bachareis que, a convite do sr. dr. Carlos Alberto Xavier d'Andrade, ali estiveram é difficil descrever em duas linhas. Alguns não se vêm desde que sahiram da cidade onde concluíram os seus estudos, onde passaram dias de intima alegria, dias de mocidade. Concluido o curso, cada qual seguiu o seu destino e 34 annos depois eil-os de novo reunidos lembrando os tempos de estudante que, diga-se de passagem, são ainda os que nos deixam melhores recordações. Não foram esquecidos os condiscipulos que deixaram este mundo e os que por motivos de força maior não puderam associar-se á brilhante e entusiastica reunião. Por alma dos primeiros resou-se uma missa o que todos assistiram.

Quantas lagrimas se não verteram aos primeiros abraços, ao ouvirem os primeiros acordes do hymno academico do seu tempo, tocado por uma banda das mais antigas da encantadora Coimbra?

Que lembranças lhes trouxe o Choupal, a Lapa dos Esteios, a velha Universidade, que visitaram, emfim tudo quanto lhes podia avivar a memoria, transportar aos tempos da sua mocidade passada despreocupadamente na terra das tricanas e deliciosas arrufadas.

Ao jantar, que se realisou no Palace Hotel, discursou brilhantemente o sr. dr. Jayme Magalhães Lima. D'este discurso, entrecortado a miude de aplausos calorosos, recortamos o seu final:

«Tudo passou! Olhando o caminho que percorremos só de destroços o vemos coberto, só de desenganos o vemos povoado.»

«Uma só cousa não passou e se mantem e aqui encontramos tão perfeita, intacta, luminosa e grande como na hora em que se gerou — a nossa amizade. Essa floresce sobre as ruínas como floriu sobre os nossos sonhos e os abençoou. Só o coração não enganou, nem succumbiu.»

Os bachareis durante o banquete receberam as visitas da Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra e Cantina Escolar, que se fizeram acompanhar de interessantes creancinhas, que lhes distribuíram delicados ramos de flôres e folhas de éra com dedicatorias impressas.

Tambem cumprimentaram os seus antigos professores, srs. drs. Chaves e Costa e Paiva Pinto. Um dos bachareis, querendo recordar melhores tempos, tocou e cantou á guitarra sendo aplaudidissimo pelos seus condiscipulos, que comovidamente o abraçaram.

Dois dias depois de terem entrado na cidade partiram com os olhos marejados de lagrimas que uma saudade fez brotar, ao lembrarem-se mais uma vez que iam deixar a poetica Coimbra onde ha pouco haviam fortalecido os elos da amizade que os liga ha muitos annos.

Entre outras resoluções que se tomaram apoz o banquete, e que muito nobilitam os seus autores porque se traduzem em beneficio ás sociedades de Propaganda e Beneficencia de Coimbra, distingue-se a de reunirem novamente com suas esposas e filhos.

O iniciador d'esta reunião de agora, o nosso querido amigo sr. dr. Carlos Alberto Xavier de Andrade, já ha dois annos que pensava em levar a efeito esta aproximação com os seus amigos e antigos condiscipulos, mas devido a uma grave doença que o acometeu, só agora viu o seu desejo realisado com o mais completo exito, pelo que d'aqui lhe enviamos as nossas sinceras felicitações.

A. CALLEYA.



PELO MUNDO FÓRA

A revolução mexicana entrou agora em nova phase pela retirada do presidente *Huerta*, que afinal se decidiu a abandonar o Mexico, indo para a *Jamaica*. O ministerio demittiu-se.

A presidencia foi confiada ao sr. *Carbajal*, que não conta com a sympathia de

Carranza, nem com o apoio do governo de *Washington*.

Como aqui se noticiou, foi a 18-2-913 que *Huerta* se apoderou violentamente do poder por um golpe d'Estado militar contra *Madero*. O governo norte-americano obstinou-se em não reconhecer o novo presidente, dizendo-se até que empregára esforços para que dentro do Mexico surgissem difficuldades aos planos do ditador, que a breve trecho se viu a braços com uma revolução capitaneada pelos generaes constitucionalistas *Carranza*, *Villa* e *Zapata*, animados e protegidos pelos norte-americanos.

Huerta esforça-se denodadamente por dominar a revolução, quando os E. Unidos, pretextando uma desconsideração feita a officiaes d'um navio de guerra ancorado em *Tampico*, ordenou o desembarque de suas forças em territorio mexicano. A guerra estava declarada.

Dá-se a intervenção da *Argentina*, do *Brazil* e do *Chili*, que procuram impedir a generalização do conflicto, sendo acceita a mediação. Os representantes das potencias mediadoras reúnem-se em *Niagara-Falls*. Suspendem-se as hostilidades. Os E. Unidos já se não contentam com a satisfação ao pretendido desacato de *Tampico*; argumentam que a revolução nas fronteiras mexicanas punha em perigo a segurança das povoações limitrofes do seu paiz, impõem, portanto, a retirada das tropas de *Vera Cruz* e a demissão de *Huerta*.

Os insurrectos, por sua banda, não depunham as armas, enquanto *Huerta* não abandonasse o poder. A esse *desideratum* se chegou, sendo de esperar que os constitucionalistas estejam senhores da nação dentro de pouco tempo.

A luta gigantesca do general *Victoriano Huerta* para se manter no governo do Mexico causou em toda a parte extraordinaria admiração, attendendo á hostilidade americana que foi até ao *boycottage* financeiro, e ao estado intenso do paiz, arruinado por tres annos de guerra civil.

Huerta, mantendo-se na presidencia, era um obstaculo á pacificação. A sua personalidade, eminentemente forte e intelligente, teria sido util ao seu paiz se o poder lhe tivesse vindo ás mãos em condições normaes. Mas ninguem lhe perdoou o modo como elle procedeu contra *Madero*, contra o general *Diaz* e todos os que com elle haviam feito a revolução.

Era d'esperar a resistencia. Os constitucionalistas organizaram-se no norte sob a direcção do general *Carranza*. E os E. Unidos recusaram-se a reconhecer o presidente *Huerta*, o que punha o Mexico na impossibilidade de obter no estrangeiro os recursos de que necessitava.

Entretanto os norte-americanos lançavam os olhos para as regiões petrolíferas do Mexico, incitando a intervenção do governo, de modo que ao incidente de *Tampico* succedesse a occupação de *Vera Cruz*.

O general *Huerta* tem 65 annos, é de origem *astéque*, natural do Estado de *Jatisco*, na costa do Pacifico; orgulha-se da sua origem indiana. Militar desde os 16 annos, a sua figura eminentemente popular, sem preocupações de *toilette*, expandia-se nos cafés *Chaputtopoc* e *Colon*, fazendo o seu quartel general num automovel.

Um dia, observando-lhe alguém que se

se continuasse a dispender *sete mil contos* por mês com o exercito, em breve estariam exhaustos os recursos da nação e o seu credito, respondeu:

«Os senhores não sabem que o Mexico é o paiz mais rico do mundo? Aqui apparece o ouro a cada passo. Se eu quizesse podia encher os cofres de todos os bancos das nações da Europa.»

E' curioso vêr como elle organizou o seu exercito. Começou por fazer generaes todos os seus ministros, que, á falta do uniforme, devem trazer um cinto verde bordado.

Os directores das grandes administrações foram feitos coroneis ou majores, e os empregados principaes, capitaes ou tenentes. Os amanuenses e os serventes desapareceram sob o nome de sargentos e soldados. Até as damas dactylographas foram encorporadas na Cruz Vermelha.

Nos estabelecimentos d'instrucção publica os professores, os bibliothecarios, os sabios, todos foram promovidos a officiaes subalternos e superiores. Os empregados do correio foram todos militarizados. Os carteiros passaram a fazer exercicios.

Para militarizar a nação, *Huerta* lançou mão de todos os recursos. Assim, em 14 de Junho, apparecia nas ruas do Mexico este aviso do governo do districto federal:

«O cidadão secretario do ministerio do Interior fez um accordo com o cidadão presidente da Republica pelo qual são concedidos ás pessoas que apresentem gente armada e equipada para defender a autonomia nacional, os graus seguintes no exercito regular:

Aquelle que apresentar 100 homens, será nomeado major; se apresentar 150, será tenente coronel, e, finalmente, grupando 200, obterá o grau de coronel. Fica entendido que os chefes receberão os soldos correspondentes ao numero dos seus homens, sendo estes accites depois d'uma revista d'entrada.»

Representa-se *Huerta* como tendo sido o verdadeiro campeão da integridade mexicana em face da politica de expansão dos E. Unicos; mas a verdade é que todos os mexicanos são grandes patriotas. Durante os seus trinta annos de ditadura, *Porfirio Diaz* tomou a peito a transformação do Mexico, fazendo d'elle um paiz altamente civilizado. *Huerta* quiz continuar-lhe a obra, mas esbarrou com a vontade tão forte como a sua, mas mais conveniente, do Presidente *Wilson*, que via nelle o *homem que assassinara Louis Batte* diz na *Illustration* que esse facto não está confirmado.

A guerra mexicana, determinando a mediação A. B. C. contra a combinação norte-americana, foi despertar no novo mundo a applicação do principio das alianças para a manutenção do equilibrio internacional, surgindo uma *triple entente americana*, a qual tem por base a celebre *doutrina de Monröe*, proclamada pelos E. Unidos, com o fim de assegurar a sua preponderancia nos paizes que então iam declarar a sua independencia e que agora se servem d'esses principios para resistirem ás ambições dos mesmos E. Unidos.

A memoravel questão do *Ulster*, oriunda do *home-rule* da Irlanda, está na fase decisiva, receando-se a guerra civil. Em

Belfort organisou-se um governo provisório que fez saber aos voluntários que tinham de preparar-se para a lucta.

O governo de Londres apresentou um projecto complementar—o *Amending-bill*—pelo qual o Ulster era excluído do *home-rule* por um periodo de seis annos, e que após um *referendum*, os condados da maioria catholica, pronunciando-se a favor, seriam incorporados no novo regimen irlandez, ao passo que os protestantes ficariam sob o regimen existente. A camara dos lords votou pela exclusão definitiva do *home-rule*, sem nenhum remisso a *referendum*. A solução agora está na camara dos communs. O governo está á mercê dos nacionalistas irlandezes, que são o apoio ministerial. O governo provisório de Belfort é inabalavel na sua intransigencia.

As forças nacionalistas contam 130:000 voluntários e as dos protestantes do Ulster 85:000.

O 224.º anniversario da batalha de *Boyne*, onde, como se sabe, pereceu o vencedor da batalha da *Restauração de Portugal* em *Montes Claros*, o duque *Fredrich Hermann*, ou *Frederico Armando Schomberg*, marechal de França e general inglez—por entusiastamente festejado, organisando-se um cortejo monstro de *Belfort* a *Brunberg*, com mais de 100:000 pessoas, n'uma fila de 12 kilometros.

Sir Edward Carson ia á frente. N'um discurso declarou que o governo provisório lhe dera toda a liberdade d'acção. *Ofereço*—diz elle—*ao governo a alternativa. Ou deixam todo o Ulster fóra do home-rule, ou venham bater-se contra nós. Escolham quanto antes.* Carson tinha ao seu lado uma Biblia aberta e pediu a benção de Deus para os que luctam pela santa causa. Esta orientação religiosa dada ao conflicto, que no Parlamento se havia tratado no campo puramente politico, é realmente curiosa. Em muitos templos houve serviço divino a favor da causa orangista. N'um sermão o pastor disse: «Estou certo

que nenhum d'entre vós aqui presente põe em duvida que o rei *Guilherme* foi enviado pelo Eterno para derrotar os papistas. Creio tambem que *Sir E. Carson* terá sido enviado pelo Senhor para nos guiar e fazer triumphar a nossa causa.

Carson organisou tambem um regimento de 2:500 mulheres, em tres batalhões. Uma das bandeiras tem a legenda: *Por Deus e pelo Ulster*. Ha tambem um corpo de 200 enfermeiras vestidas d'azul, com aventaes e bonnets brancos e a fita da Cruz Vermelha no braço esquerdo!

E' extraordinario que se organise assim um exercito nacional n'um paiz sempre hostile ao serviço militar obrigatorio.

E tudo isto se consegue em nome da religião.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Folhas soltas

«O que morreu d'amor»

Venho hoje fallar de uma opera portugueza inspirada na celebre peça, ha annos representada, do illustre escriptor, dr. Julio Dantas.

Torna-se sempre curioso, descreve as genesis das obras d'arte, como ellas nasceram, como foram concebidas na mente dos auctores. Haverá nada mais suggestivo do que sabermos como nasceu em Berlioz toda a sua *Symphonia Phantastica*?

Trata-se effectivamente de uma opera portugueza e isto basta para nos encher de jubilo. E se ainda está na memoria de todos o successo e a serie de artigos curiosos quando da primeira da opera de João Arroyo, *Amor de Perdição*, no theatro de S. Carlos, facil será calcular que entusiasmo não haverá de certo no nosso meio quando se cantar a nova opera portugueza, *O que morreu d'amor*.

O compositor que, cheio de entusiasmo, se está dedicando a tal trabalho é o joven artista portuguez, Thomaz de Lima, o que será uma segura garantia para o exito da opera. Ninguem como Thomaz de Lima—refiro-mo á escola moderna—poderia musicar com maior criterio tal libretto. E estou certissimo, quando Julio Dantas ouvir em musica a sua peça, será o primeiro a reconhecer o talento do seu collaborador!

Ainda Thomaz de Lima era um alumno *revoltado* do Conservatorio, quantas tardes no armazem Sasseti, eu o ouvia ao piano tocar pequenas composições suas, formando projectos artisticos para o futuro! Dei-lhe então o meu libretto da *Moabita*, d'ahi a mezes, pela *Schola Cantorum* de Alberto Sarti, a *Moabita* era executada com raro exito. Estava lançado Thomaz Lima! *Trabalhar* era a sua divisa e eis que o vemos cheio de coragem a trabalhar na composição e a dedicar-se ao violino. A sua estada em Ponta Delgada deu-lhe materia para se dedicar á arte com raro fervor e quando chegou a Lisboa, nos programmas dos principaes concertos vimos logo o seu nome como violinista solista ou como compositor.

Este anno, nos concertos symphonicos de David de Sousa, a sua peça para orchestra, *Cantos do meu paiz*, causou legitimo successo e d'ahi a pouco tempo a empresa do Polyteama nomeou-o regente da orchestra do theatro.

Na mente de Thomaz de Lima andava sempre a ruminar a ideia de uma opera, com um assumpto essencialmente portuguez, e tendo lido os livros de Julio Dantas, desde logo viu na peça, *O que morreu d'amor*, um bello libretto para uma opera.

Tendo alcançado do auctor a devida autorisação, ei-lo a trabalhar, e assim todos os dias, horas esquecidas, Thomaz de Lima escrevia sempre!

Uma tarde d'estas disse-me Thomaz de Lima, que tinha concluido a instrumenta-

EXPOSIÇÃO DE LAVÔRES—Liceu Maria Pia



Realisa-se num vasto salão do liceu Maria Pia uma curiosissima exposição de Arte Aplicada e Lavôres. Visitámol-a já por vezes varias, e a impressão colhida é sem duvida das mais agradaveis ao nosso espirito. Ordenada com maestria, policroma de aspectos, graciosa no detalhe, fez nascer em nós uma grande simpatia pelas alunas desse liceu e professoras laboriosas e competentes que as dirigiram nos seus excelentes trabalhos. Ali ha tambem secções de desenho rigoroso, e desenho á vista, que denotam vocações decididas. No entanto, é para os formosos exemplares de Arte Aplicada e Lavôres que a nossa atenção se volta ainda. Endereçamos cumprimentos e aplausos calorosos ás senhoras professoras que realisaram esta magnifica exposição—D. Maria do Céu Beça, D. Maria de Mello Marques e D. Maria Elisa dos Santos.

ção do 1.º acto, e se o quizesse ouvir que fosse a casa d'elle.

Assim fiz.

Thomaz de Lima sentado ao seu piano, tocou-me todo o 1.º acto. Desde já posso fallar; dentro de uma orientação puramente moderna, sem exageros, o compositor traduz de uma forma maravilhosa toda a acção amorosa e dramatica. Phrases de uma alta inspiração, coadunam-se á letra e a orchestra acompanha a ideia com desenhos originalissimos cheios de encanto e frescura. Se Thomaz de Lima nos restantes actos fôr tão feliz como na parte que já está prompta, a sua opera *ficará* como uma obra prima na historia musical portugueza.

Mas... concluida a opera, haverá theatro onde possa ser cantada? Sim, sem duvida. Todos nós temos obrigação de nos interessarmos para que ella seja cantada no nosso S. Carlos. E se tanto fôr necessario, o governo tomará a peito tal iniciativa, pois trata-se d'um caso patriotico e do maior alcance artistico para o nosso paiz.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



D. REGINA NEGRÃO ANNES BAGANHA

Notas de Arte

D. Regina Negrão

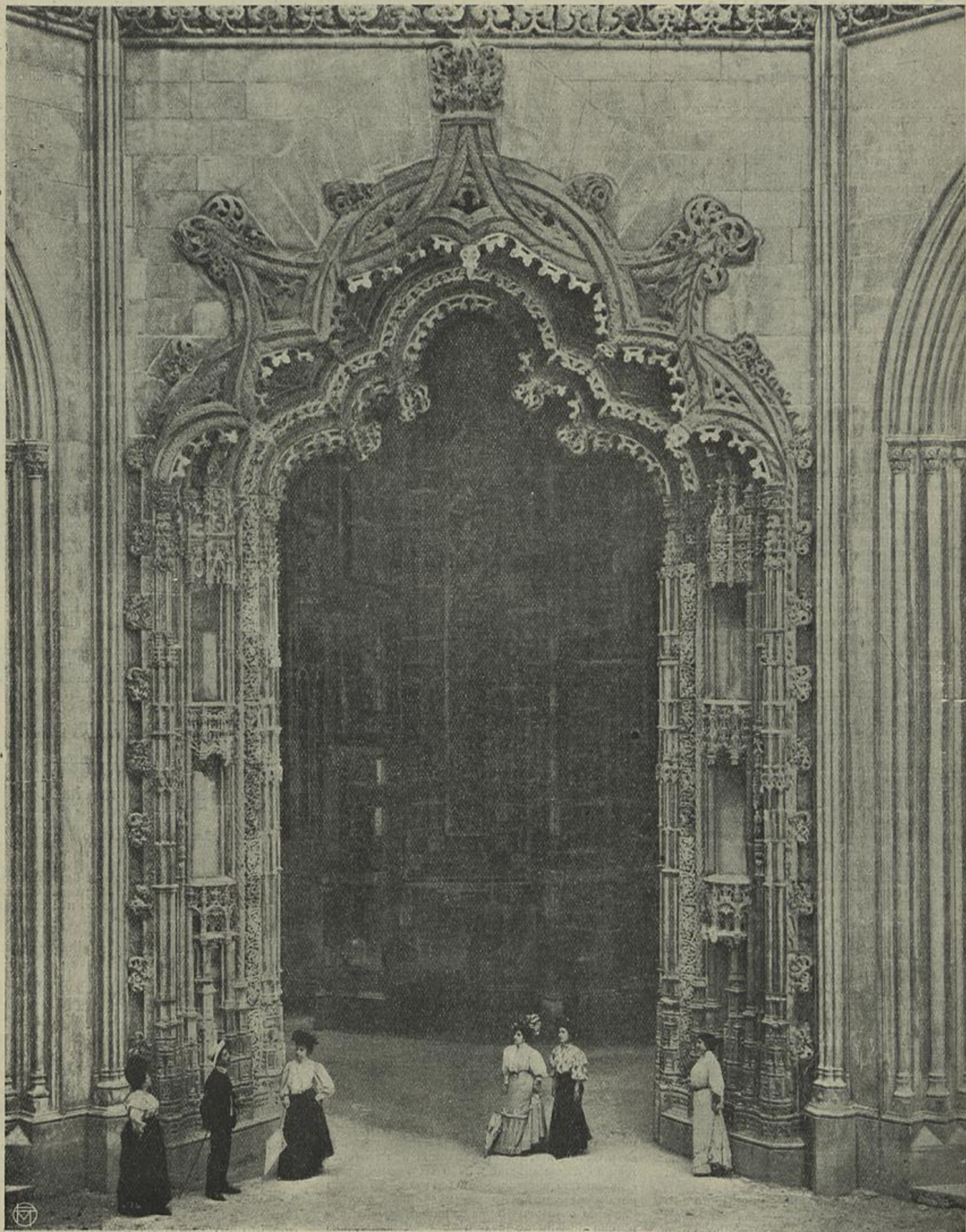
Torna-se de véras notavel o desenvolvimento que a Arte vai tomando em o nosso paiz. Semana a semana, vamos exarando nas paginas d'esta revista as impressões que nos sugerem, ora uma exposição de pintura, ora um sarau de boa musica. E o que é curioso é que as senhoras, e senhoras da nossa melhor sociedade, vão tomando, mais e mais parte activa e benefica n'estas manifestações de Arte. Se queremos falar especialmente de musica, então podiamos já falar de muitas e magnificas audições de canto que vestigiaram em o nosso espirito as mais agradaveis recordações e indicar nomes de senhoras que á boa arte dirigem a melhor attenção, dignas da nossa homenagem e merecedoras da nossa gratidão. Sem duvida, não poderiamos fazer, com justiça esta affirmação, ha uma duzia de annos atrás. Nos ultimos tempos, a este respeito, os progressos são evidentes.

Honramo-nos e congratulamo-nos com apresentar hoje aos nossos leitores o retrato da sr.ª D. Regina Negrão Annes Baganha que tem revelado, em concertos de renome, insignemente, incontestaveis talentos de cantôra. Discipula de Mayer Guerreiro, a sua linda voz de soprano lirico, bem timbrada, excellentemente educada, ergue-se por vezes, em reuniões distintas, suscitando entusiasmos — como por exemplo nessas reuniões selectas e brilhantes realisadas em casa da sr.ª D. Clementina Relvas.



PAZ — Composição original de William Stratt

Monumentos de Portugal



CONVENTO DA BATALHA — PORTAL DAS CAPELAS IMPERFEITAS, LADO INTERIOR
(Cilché do Sr. M. Joaquim da Silva)

Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1279)

Capellas imperfeitas

Não obstante serem os arcos das sete capellas decorados com diversidade de esculpturas delicadas, sobreleva a todos na riqueza da ornamentação, e na perfeição dos labores o portico da entrada, do lado interno. E' um arco polycurvo de phantasia invenção, e todo coberto de rendas e relevos tão brincados e subtis, que os não faria mais perfeitos e mimosos na madeira o melhor entalhador.

A gravura d'este magnifico portico, copiada com a mais escrupulosa exactidão de uma excelente photographia, dá uma ideia mais cabal d'esta obra d'arte do que o poderia fazer a mais minuciosa descripção.

Sobre este portico e as sete capellas corre em volta da parede um friso todo lavrado de relevos, no gosto da architectura do renascimento. Por cima do friso, e em correspondencia das capellas e do portico, abrem-se oito janellas; e entre estas, nos angulos, resaltam da parede os escudos das armas reaes, e a cruz da ordem de Christo guardados pela parte superior e pelos lados de uma cercadura de folhagens em relevo. A janella sobre o portico é diferente das outras. Além de ser mais larga, tem a fórma de uma tribuna, com balaustrada e mais decorações proprias do estylo do renascimento.

Pararam as obras deixando as paredes em toda ou em quasi toda a altura das janellas.

As capellas imperfeitas são uma verdadeira ex-crescencia do edificio monumental da Batalha, não só por não ter entrado no plano primitivo do monumento, e pelo muito que prejudica o templo externo e internamente como ponderei em outro logar, mas tambem porque destróe aquelle pensamento de unidade que presidiu á traça do edificio, e que constitue um dos titulos que mais o recommendam ao exame e apreço dos artistas intelligentes.

Se esta fabrica fôsse construida segundo o mesmo estylo d'architectura, que vemos no templo e na capella do fundador, ainda assim dava occasião a justa censura a escolha do local pelas razões expostas. Porém accresce a isto, o que não é menos lamentavel, a differença e até confusão dos estylos architectonicos. Examinarei rapidamente quaes são esses differentes estylos e o modo porque se operou semelhante amalgama.

Sendo el-rei D. Duarte o fundador das capellas imperfeitas, como demonstrei, devemos suppor com boa razão, que o architecto chamado para fazer a traça a deliniára no mesmo gosto d'architectura do monumento visinho. Adduzirei em abono d'esta opinião dois argumentos: 1.º que em todo o reinado do mestre d'Aviz não apresentou a architectura entre nós variação alguma. N'esse longo periodo apenas se aperfeiçoou o estylo gothico, então usado, attingindo a sua maior pureza e elegancia; e n'este estado se conservou durante o curto reinado de D. Duarte. O segundo argumento, que fortalece o antecedente, é que as primeiras obras das capellas imperfeitas estão construidas conforme o estylo gothico puro.

Observe-se as sete capellas exteriormente, e ver-se-ha nas suas janellas a mesma elegancia de fórmas e nobre simplicidade que distinguem o monumento de D. João I. Tanto aqui, como interiormente nos arcos das ditas capellas até aos capiteis das columnas, não se descobre um unico lavor, que altere a magestosa singeleza d'aquellas esbeltas columnas. Não se vê alli, nem nas paredes externas, nem nos gigantes que as robustecem, enfeite algum d'essa ornamentação caprichosa, que é uma das feições caracteristicas da architectura gothico-florida, que acompanhou todo o reinado d'el-rei D. Manuel.

Creio, por conseguinte, que esta parte do edificio pertence ás obras começadas por el-rei D. Duarte, e continuadas por seu filho, el-rei D. Affonso V. E' verdade que sob o governo d'este ultimo soberano começou a introduzir-se no paiz aquelle estylo florido, já muito antes seguido no meio dia da Europa, o qual, sendo uma degeneração da architectura gothica, era o ponto de transição para a do renascimento. Todavia, quem n'essa epocha dirigiu a continuação d'aquella obra teve o juizo e bom gosto de lhe não fazer

alteração alguma no estylo architectonico. E note-se que se se considerar em que os cinco annos do reinado de D. Duarte era um espaço de tempo bem curto para se poder dar grande desenvolvimento aos trabalhos de uma fabrica tão grandiosa, ainda quando se queira conceder que elles tiveram principio logo que este monarcha subiu ao throno, dever-se-ha attribuir a el-rei D. Affonso V uma grande parte do edificio a que chamo *primeiras obras*, por mostrarem as mesmas feições que predominam no templo contiguo.

El-rei D. João II teve o seu reinado tão agitado de discordias e tão cortado de desgostos, e escaceou-lhe tanto o tempo para as reformas e empresas uteis que emprehendeu e projectou, que mal lhe chegou para cuidar de edificações; e tanto foi assim, que algumas que desejava levar a effeito, apenas se limitou a deixal-as recommendadas ao seu successor; como aconteceu com a torre de Belem, com a igreja de Santo Antonio em Lisboa, e com mais outras obras.

Em vista d'estas razões, talvez nada fizesse, ou pouco adiantasse a construcção das capellas imperfeitas. Porém, se alguns trabalhos alli se executaram por sua ordem, estão certamente comprehendidos na mesma parte do edificio que attribuo a seu pae e avô, os reis D. Duarte e D. Affonso V. Persuadiu-me a isso vêr nas abobadas das sete capellas, nos angulos curvilineos dos seus arcos, nos dois porticos, ou, direi melhor, nas duas faces, exterior e interior, do portico da entrada das ditas capellas, e nos portaes que dão ingresso para o pateo, que as precede, e lhe devia servir de vestibulo, os emblemas, motes e divisas d'el-rei D. Manuel, e todos os signaes que caracterizam a architectura gothico-florida. Toda esta obra tem pois o cunho do fundador do mosteiro de Belem.

Nos portaes que dão para aquelle pateo vêem-se duas inscripções, uma em letra allemã, e outra em letra romana, dizendo ambas: *Perfectum fuit anno Domini 1509*. Em vulgar: Acabou-se esta obra no anno do Senhor de 1509. Apenas servem estas inscripções de declarar o anno em que se concluíram os mencionados portaes, por quanto as construcções d'el-rei D. Manuel fallam por si da epocha da fundação, e do nome do fundador.

O grande portico da entrada, das capellas, com as suas duas faces de desenho e labores inteiramente differentes, é tudo obra do mesmo soberano, ou porque os seus antecessores não tivessem começado esta parte do edificio, ou porque o architecto, desdenhando a singeleza de outras eras, e querendo ostentar alli a fecundidade da sua imaginação e o luxo da architectura então dominante, demolisse o que estava feito, para edificar de novo.

Já disse que continuaram os trabalhos depois da morte d'el-rei D. Manuel. Para comprovar esta asserção não é preciso recorrer ao testamento d'este monarcha. Basta vêr o friso que corre sobre as capellas, e tudo mais que se levanta d'ahi para cima para se reconhecer, que esta parte do edificio foi construido em tempo d'el-rei D. João III, pois que não ha alli um unico ornamento que não pertença exclusivamente á architectura do renascimento, que se introduziu em Portugal no começo do reinado d'este soberano.

Vêem-se pois nas capellas imperfeitas tres diversos estylos architectonicos, representantes de tres differentes epochas da nossa historia: o *gothico puro*, que é como o padrão das empresas cavalleirosas d'el-rei D. João I e de seus illustres filhos; e dos primeiros descobrimentos dos portuguezes; o *gothico florido*, onde o cinzel esculpiu os fastos gloriosos de Portugal, triumphante, poderoso e temido na Africa, na Asia e na America; e finalmente o do *renascimento*, que, em opposição ao seu titulo, marca o principio da nossa decadencia no poder, na riqueza e nas proprias artes.

A julgar pela obra, que nas capellas imperfeitas deve ser attribuida a el-rei D. João III, ha todo o fundamento para dizer que os trabalhos se prolongaram alli durante uma boa parte do reinado d'esse soberano. Não sei a epocha precisa em que pararam, nem tenho indicio algum para a conjecturar. Apenas posso suppôr que, ordenando a suspensão dos trabalhos, aquelle monarcha desistiu de levar a obra por diante, pois que mandou fazer os mausoleus que estão na capella mór do templo, e trasladou para elles os corpos da rainha D. Leonor de Aragão, e d'el-rei D. Duarte, seu esposo, que el-rei D. Manuel recommendára em seu testamento que fôsse trasladado para as capellas imperfeitas.

Desde que el-rei D. João III levantou mão das *capellas imperfeitas* ficaram estas em completo

abandono. Nem cobriram, sequer, para resguardo das chuvas, as abobadas das sete capellas, e os topos dos massiços que as separam, e que eram destinados a servir de sustentaculo, ou de gigantes á cupula que devia cobrir o grande espaço octogonal, em torno do qual se abrem as mesmas capellas. Nem o portico, com o ser obra tão mimosa, e de tanto enlevo, mereceu em tempo algum dos poderes publicos, que olhassem pela sua conservação, abrigando-o de qualquer modo contra as inclemencias das estações.

Quando se começou a cuidar systematicamente da conservação e restauração do edificio monumental da Batalha, em 1840, fôram estirpadas todas as plantas, que vegetavam sobre os topos dos massiços e sobre as abobadas das sete capellas. O illustre engenheiro, Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, triste victima das nossas luctas civis, cuja morte foi uma perda tão grande não só para as letras e sciencias, que tanto lhe deveram, mas tambem para todos os commettimentos civilisadores d'este paiz, este nosso benemerito compatriota, pois, que então dirigia os trabalhos da conservação e restauração do monumento, projectava, quando estivessem concluidas, ou muito adiantadas as obras mais urgentes no edificio principal, voltar a sua attenção e disvelos para as *capellas imperfeitas*. Não entrava no seu plano proseguir no acabamento da obra, mas sim fazer alli os trabalhos necessarios para a preservar da ruina com que a ameaçava a successão dos tempos. Tinha portanto resolvido resguardar as ditas abobadas e topos dos massiços com alguma especie de cobertura, que as defendesse das chuvas, e lançasse as aguas fóra do edificio; abrigar do mesmo modo os dois porticos, exterior e interior, e as paredes lateraes, impedindo que as correntes d'agua pluvial, escoando-se pela parede, viessem gastar as preciosas esculpturas d'aquelles porticos; lagear ou cobrir de asphalto o grande espaço octogonal para evitar a vegetação, tornando-o de facil accesso; e em fim apagar os restos da abobada do pateo, que precede as ditas capellas, deixando assim mais desaffrontada, e com mais luz a capella-mór da igreja.

Não teve tempo, infelizmente, para pôr em pratica o seu plano. Alguns annos antes da sua morte, os acontecimentos politicos afastaram-no da superintendencia e direcção das obras da Batalha. Estas continuaram sempre até hoje sem interrupção, de maneira que a restauração da igreja acha-se concluida, bem como a do claustro real.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.



«Aquella familia...»

POR

Ladislau Patrioio

«Publicar um livro é prostituir-se. Pedantes! O mar recebe n'elle os nossos corpos.»

O destino d'um livro semelha-se muito á sina da Mulher.

Se o livro nos impressiona, alegrando-nos ou entristecendo-nos, tendo nas suas paginas a belleza emotiva que prende e convence, ou a arte que inspira sentimentos, deleita e seduz, lê-se e relê-se, assimila-se e discute-se, cita-se e guarda-se, como sendo um producto de idéas nossas, alguma coisa de nós mesmos, do nosso cerebro, da nossa alma. Pelo contrario, se é banal, futil, disparatado, incomprehendido, sem n'elle vermos, como disse *Thore*, a arte que *propõe*, a sciencia que *expõe*, ou a industria que *dispõe*, mal o olhamos: e, semi-vingem, lá fica arrumado e quiça esquecido no fundo da estante, coberto do pó do desdem, sem uma unica vez o tornarmos a lembrar. Só mais tarde, vendido como espolio e havido por acreditado mercieiro a tantos réis o kilo, tem no destino o destino fatal do seu valor em peso... E não servindo para ser lido, não sendo



DR. LADISLAU PATRICIO

applicado ao fim espiritual para que foi gerado *nas linhas de conexão nervosa do cerebro*, emprega-se em... embrulhos, por exemplo.

Assim a mulher.

Se é linda, muitos são sempre os admiradores de olhares pousando nos seus olhos! E vendo no destino o destino do amor e do carinho, suavissimos cantos coloridos a luz lhe nimbam a frente, espiritualizando-a como noiva, santificando-a como esposa, divinizando-a como mãe. Se é feia... oh, se é feia, quando o brilho e calor da mocidade se principiam a apagar da sua frente e a desillusão lhe ensombra e arrefece o espirito, vende-se a *peso*, se tem peso, e no *menage* só não serve para o que nasceu: para ser amada!...

O livro de contos, *Aquella Familia...*, causa d'estes breves devancios sem pretenções a critica, não é dos que se esquecem e morrem semi-irgens. Não.

Ladislau Patricio, em Coimbra, nos tempos idos de estudante — ainda tão proximos, mas já tão distantes! — dedicando-se á litteratura, fez versos e pagou o tributo fatal ao talento precóce, publicando tres livros — *Azul Celeste*, *Cheias de Graça* e *Livro Simples* — lindas *bluettes* onde refulgia o sol d'ouro da sua alma môça e o ciciar dulciloquo e delicado d'um temperamento d'artista.

Depois, vindo para a prosaica vida de positivismos, dedicado á clinica, julgámo-lo ingrato para os seus primeiros amores de Coimbra, vendo-o dedicar-se á sciencia e tornár-se um João Semana moderno e *chic*, substituindo o paciente cavallo pelo veloz auto, o caracteristico chapéu de chuva pela capa impremiavel *dernier-cri*,

as velhas tisanas, ervas e drogas pelas especialidades e medicamentos em *ina* e *ól*, conseguindo, emfim, firmar os seus creditos de medico distinctissimo em menos d'um anno de polyclinica. E de tal sorte que ha gente com mais fé no dr. Ladislau do que os mais antigos fanaticos nas reliquias santas milagrosas...

Mas, quando menos o esperavamos, aparece-nos o seu novo livro com dedicatória amiga, vendo assim medico *double* de litterato, numa dualidade tão invulgar e adunando-se de tal maneira á sua individualidade intellectiva, que não sabemos se ora o medico adonizou o escriptor, se o escriptor nasceu do medico.

O livro de contos, descrevendo episodios e caricaturando typos, é dos comparados a

mulheres bonitas. Quere-se. Estima-se. N'elle ha paginas de riso e paginas de dôr.

Todos os typos se pintam nitidamente na retina da nossa alma, ficando indelevelmente gravados, sob a impressão de realidade, como figuras conhecidas, todos os dias observadas, mas em quem só bem reparámos depois de apresentadas pelo auctor.

Livro original, cheio d'imprevisto e singeleza, tem em cada conto uma restia de alegria, ou um raio de sol, ou uma crystalina gargalhada, ou um descorado sorriso, ou uma sombra de tristeza, ou uma contração de sofrimento, ou um uivo humano de maldade.

Livro para se estimar, sim, dando-lhe na estante um lugar junto aos outros livros venerádos como mestres ou queridos como bons amigos.

JULIO RIBEIRO.

Escolas literarias em Portugal

Três dos seus cultores

Ninguém ignora, por certo, a importancia da escola na arte. E' ella o caminho, ponderadamente, reflectido por onde deve dirigir-se o genio que, levado, apenas, pelos naturais impulsos, poderia ir de encontro aos mais elementares principios da conveniencia.

Por isso, em todos os tempos, se tem pensado, sempre, em enfrear a expansibilidade, impondo-lhe não leis opressoras ou meramente caprichosas, mas preceitos de racional disciplinação para que, dentro de certas normas, a obra humana se defina-

se modéle, constituindo *género*, preenchen-do, assim, a necessidade, logicamente, imperiosa da selecção.

De outro modo, teriamos a anarquia nas revelações da alma humana e a perda consequente do seu esforço e aptidões. A propria natureza, a grande mestra, concretiza generos e especies; submete, a regras e principios de vida, todas as existencias para que haja ordem e intelligencia no seio da criação.

De modo algum, o homem se póde afastar desta função fundamental e estabelece, como principio imprescindivel, a definição.

Assim se criaram as escolas ou conjuntos de preceitos mais ou menos rigorosos para agrupar os variados produtos do espirito.

A arte e a sciencia são campo vastissimo; precisa êle, naturalmente, dividido, rigorosamente, extremado para, deste modo, circunscrevermos, dentro dos limites de uma quanto possivel comprehensão o que é forçoso distinguir e bem determinar.

Em materia litteraria, notamos, desde época remota, o espirito revelar-se em certos moldes, cuja québra seria um atentado. Essa infracção dá-se, contudo, e só se justifica pelo desvendar de novos horizontes, mercê da necessaria evolução.

Ocioso será dizer que o conservantismo anatemiza a audacia, mas... é lei fatal.

Na antiguidade, impéra um principio de austera e intransigente autoridade que, com o correr dos tempos, se enfraquece e morre.

No entretanto, percorrido o ciclo, volta-se ao ponto de partida. A idade antiga foi classica; a medieval, romantica. A moderna, na primeira fase, voltou ao classicismo e na segunda, ao romantismo. E' o que se observa nas nações europêas e, portanto, em Portugal.

(Continúa).

DAMASCENO NUNES.

Raul Mesnier

Ao que dissémos sobre esta importante individualidade, acrescentaremos que é para desejar que se guardem, como valioso espólio e alta curiosidade, os esboços escritos, que êle deve ter deixado do extraordinário e espantoso plano, que concebeu, e a imprensa periódica deu a conhecer, de uma ponte, a começar em S. Pedro de Alcantara e a terminar no monte da Graça.

E já que voltámos a falar do afamado engenheiro, rectificaremos que o D. Antonio Dias Ferreira, que foi prelado de Moçambique e em seguida bispo de Angola e Congo, faleceu há anos, na sua casa de Aldeia Nova, de Pombeiro, terra da sua naturalidade.

Dos amigos e companheiros, já citados, da viagem, que Raul Mesnier realizou para o Rio de Janeiro, só vive portanto o apreciado escriptor sr. Visconde de Sanches de Frias, tambem nosso amigo e antigo colaboradôr do OCCIDENTE.

RETEFICAÇÃO E ESCLARECIMENTO

(A *intensidade* dos signaes luminosos da hora legal).

No artigo publicado em o n.º 1279 d'este mez, pag. 226: no periodo em que se lê: — «Em cada lanterna a *intensidade* da luz regula por 100 velas», — deve acrescentar-se «em cada lampada, e totalizando-se n'aquella 2.100 velas;».....

F. J. B.

QUADRA

Num album

— Sonho, Ironia, Desdem —
Foram tinta em sol accessa
Com que o Destino esboçou
Meu negro olhar de tristeza.

ANTONIO COBEIRA.



Lisboa moderna

Predio a que foi conferido o premio Valmôr

E' surpreendente a transformação por que vae passando a nossa capital ha anos a esta parte, alargando sucessivamente as suas barreiras que a limitavam dentro da area não superior a 5 por 8 kilometros, alargando os seus bairros, abrindo largas avenidas e praças arborizadas e que a breve trecho se tem povoado de magnificos predios, muitos suntuosos, como nas grandes cidades de Londres, Paris, Berlim ou Vienna de Austria.

E' nas chamadas avenidas novas, nessa parte de Lisboa que se desdobra desde o chorado antigo Passeio Publico até ao Campo Grande, abrindo belas e largas vias publicas por onde dantes eram hortas e terras de sementeira, que hoje mais intensamente se erguem e agrupam magnificos predios de habitação propria ou para rendimento, cuja apparencia, pelo menos, é das mais atraentes, quando não são realmente ricos, suntuosos em toda a sua fabrica.

Ao numero destes pertence o predio a que nos estamos referindo e ao qual a comissão da ca-

mara municipal de Lisboa encarregada de examinar os predios construidos no ano de 1913, nesta cidade, resolveu, por unanimidade, conferir o premio Valmôr.

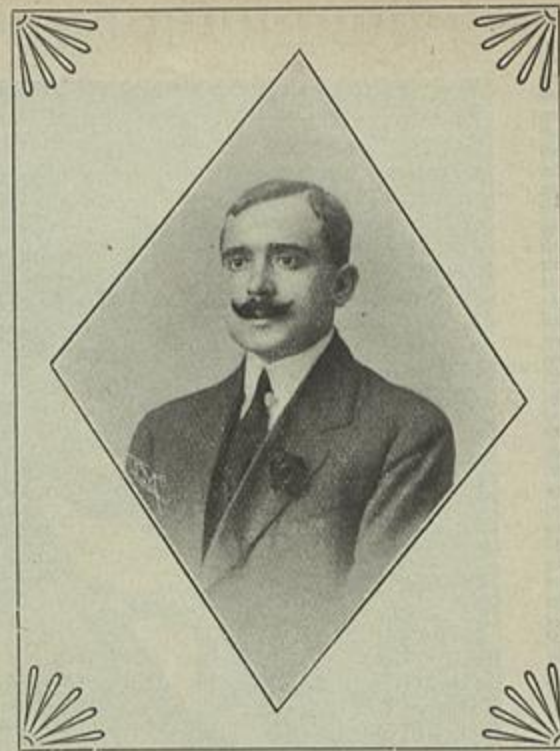
Este predio destaca-se soberbamente na Avenida da Republica tornejando para a rua João Crisostomo, e pertence ao sr. José Augusto dos Santos, um distincto *sportman*, que se encontra agora em Paris.

O projecto é do sr. Miguel José Nogueira Junior que sendo um novo, cedo conquista pelo seu talento e esforço a distincção de arquiteto de primeira ordem, como na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde teve por mestre o illustre professor sr. José Luis Monteiro, conquistou os louros de um curso brilhante, que para melhor se firmar, foi, como pensionista do Estado, aperfeiçoar-se, em Paris, nos *ateliers* de Pascal e de Chiffot, dois grandes mestres da arquitetura que o consideravam como um de seus melhores discipulos.

Para quem conhece as dificuldades que apresenta o curso de arquitetura, é já grande victoria vencel-as, mas maiores ainda são as dificuldades que é mister vencer na prática, em que as provas são exigentes e as responsabilidades aumentam.

Essas provas deu-as o sr. Nogueira Junior brilhantemente, incontestáveis, com o projeto do predio em questão, produzindo trabalho valioso e de completa novidade, no país, como se pode observar na largueza das linhas do edificio alcançando contrastes e efeitos de claro escuro de grande relevo, sem tornar pesada a decoração, aliaz de certa sobriedade.

Conseguiu assim aliar a economia com a beleza, pois trata-se de um predio para rendimento, ocupando uma superficie de terreno consideravel, devendo o capital empregado, não excedente a a quarenta e dois contos, obter o juro razoavel.



ARQUITETO MIGUEL JOSÉ NOGUEIRA JUNIOR

Se atendermos aos materiaes empregados e á solidez da construção, melhor se afirma ainda a proficiencia do autor do projeto, que teve por executor da obra o construtor sr. Francisco Tojal.

Da revista *A Arquitetura Portuguesa*, luxuosa publicação de que é editor e proprietario o sr. Eduardo Colares, transcrevemos as seguintes notas respeitantes á construção:

«Os materiaes empregados são a cantaria, de que é todo o envasamento, as bacias do *bow-window*, todas as sacadas, a porta principal e as vergas e peitoris dos restantes vãos de portas e janelas do rez do chão, primeiro, segundo e terceiro andar, e, emfim, todas as partes do edificio onde esse material se tornou necessario».

«A parte restante das fachadas é fingida a lioz de Pero Pinheiro, e seja-nos prometido aqui mostrar a nossa admiração por tão belo trabalho, como até agora não vimos outro igual».

As decorações, executadas em massa de cimento, são tambem de um belo trabalho digno de registro.

«Como revestimento das mansardas, foi empregado o zinco e a ardósia».

«A cobertura é de telha preta».

«Os interiores são cuidados, tanto quanto o permite uma construção desta indole».

«Merecem especial referencia o vestibulo e a escada principal, que são realmente luxuosos».

Cada andar corresponde a um só inquilino, cabendo aos inquilinos do rez do chão e do primeiro andar os jardins sobre a rua João Crisostomo. A cave é destinada, parte á habitação do porteiro e outra parte á arrecadação para os inquilinos de todos os andares.

Alem do habil construtor sr. Francisco Tojal, colaboraram neste belo edificio os srs. Jorge Pereira e Jose Neto que muito distintamente executaram as decorações das fachadas, auxiliados pelo modelador sr. Pinto. Os gradeamentos, de notavel originalidade, foram em grande parte executadas nas oficinas do sr. Jacob Lopes da Silva. O portão e a grade da escada principal, são da casa Justiniano e outros trabalhos de serralheria, das oficinas do sr. João Mendes e Melitão.

As folhagens das grades do primeiro andar foram belamente modeladas pelo sr. Jorge Pereira, e fundidas nas oficinas do sr. Bruno.

Estuques e pinturas são de Cruz & Irmão e o fingido da fachada pelo habil fingidor sr. Rufino.

As cantarias foram fornecidas pelo sr. Pardal Monteiro. Encarregou-se das instalações de agua, gaz e electricidade, bem como do elevador *Stigler* a antiga e conceituada casa Julio Gomes Ferreira & C.^a L.^a.

O para-raios foi instalado pelo sr. Hermann.

Ficam assim mencionados todos que colaboraram superiormente com o distincto arquiteto na construção desta bela obra, seguramente o mais suntuoso predio de Lisboa moderna, especialmente para alugadores, que demonstra quanto o talento do arquiteto pôde conseguir em edificações deste genero, em que, como ficou dito é preciso conciliar a beleza com a economia, para se fazer trabalho pratico.



PREDIO NA AVENIDA DA REPUBLICA QUE TORNEJA PARA A RUA JOÃO CRISOSTOMO, PERTENCENTE AO SR. JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS. OBTEVE O PREMIO VALMÔR

Na ausencia do proprietario, que, como dissemos, está em Paris, interveiu inteligentemente na parte administrativa dos trabalhos o sr. José Malheiros Nogueira, tio do proprietario, muito concorrendo para o bom andamento e bela conclusão desta obra.



Cartas para a minha terra

Rio, 26-6-914.

Depois de um tão grande e extraordinario silencio, volto a ocupar as paginas da brilhante revista O OCCIDENTE, com a minha pena mal aparada e descolorida.

Motivos de força maior, alheios á minha vontade, me forçaram a abrir um parenthesis...

Foi brusco e improprio?...

Bem sei. Proposital?...

Nunca.
Hoje, um conjuncto de circunstancias me obrigam a falar-vos de Amandio Silva, que, vindo das lusas praias, aqui veiu abordar, em visita aos seus compatriotas. Não conhecia, nem de vista, Amandio Silva. Amigos meus me falaram, com entusiasmo, dos seus discursos e eu, que apaixonadamente admiro o homem que na tribuna, ou na cathedra, faz ouvir, com desassombro, a sua voz autorizada, eu, á noite, sozinho, com meu companheiro de hotel, subia a escadaria do *Jornal do Commercio* para escutar a annunciada conferencia.

O salão estava repleto. Ali se viam distinctamente representadas as varias camadas sociaes.

Não me conduziam áquelle logar, lisamente o declaro, paixões politicas que as não possuo. Sou um indifferente para quem as facções politicas da minha terra não merecem a mais pequena menção de sympathia. Lastimo-as com a dôr do descrente.

Ali estava dominado pelo sentimento, mais intimo e puro do meu peito — o sentimento da patria.

Em terra extranha, orphão dos amôres maternos, longe da familia que idolatro, eu concentrei todos os meus carinhos na patria, que me foi berço. Penso n'ella a todo o instante e quem me falar d'ella eu escuto-o, com a mesma veneração, como se falasse de minha mãe.

Com um simples relancear de olhos, eu reconheci as varias entidades, de que se compunha a assistencia.

A parte mais selecta serenamente escutava o orador.

A outra, a massa ignorante e inconsciente, com pruridos loucos de saliencia, cochichava baixinho, lançando o fel da murmuração em cada uma das palavras do conferente.

Elle impertubavel, com o sangue frio solemne do bom, do heroe, apontava os males da nossa terra e pedia a todos que se agrupassem, que esquecessem paixões, porque a patria reclamava o auxilio de todos.

E a massa ignorante e inconsciente sorria e esse sorriso significava vileza e covardia.

Rir... rir... quando a patria ainda não está refeita das luctas civis, impotente para arcar com as tremendas responsabilidades futuras, é trahir a nossa fé.

Rir... rir... quando nos apontam o caminho da honra é desdobrada loucura, porque será ca-



PERSPECTIVA DAS FACHADAS LATERAL NORTE E POSTERIOR

minhar, a passos agigantados, para o abysmo da destruição, aberto a nossos pés.

Rir... rir da patria... é ser ainda peór que Catilena, porque quando o traidor ia com o punhal debaixo da toga, tremeu ao ouvir o consul exprobar-lhe o seu procedimento nefando.

Foi simples, muito simples, a conferencia de Amandio Silva.

Lastimou que as nossas industrias não tivessem maior incremento. A cortiça, que podia muito bem ser a base da nossa riqueza nacional, desaparece, victima da incuria e inconsciencia dos nossos industriaes.

Depois, a nossa fructa inegalavel, que devia ser exportada em grande escala, definha-se e atraphia-se nos nossos ridentes pomares, quando os grandes mercados americanos a receberiam por alto preço.

Eu pasmo da grande desigualdade numerica das estatisticas internacionaes, porque Portugal, na exportação do azeite e vinho, podia levar a palma a todas as nações europeas e, no entanto, queda-se na retaguarda, n'um commodismo, que mata todas as energias e elementos vitaes.

Pintou depois a falta de patriotismo dos portuguezes, residentes no Brasil, o desleixo, o abandono por tudo, ueq se relaciona com a administração economica e financeira do seu paiz.

Amandio, não é um oradôr d'uma elegancia, d'uma verbosidade extraordinaria, que arrebatava e extasia, mas o tom energico que tem suas palavras, a simplicidade, a rude franqueza, com

que nos fala, dá-lhe a auctoridade moral que convence e seduz.

Acabada a conferencia, mimoseou-nos com algumas projecções de lanterna magica. Os melhores trechos do Porto e do Minho momentaneamente giraram deante de nossos olhos.

A meu lado, as murmurações continuavam. O meu companheiro aborrecido por tanta falta de pundonor e de character, manifestou desejos de se vir embora.

Elle tinha razão. Aquella atmosfera impregnada de odios vis e mesquinhos, atrophiava-nos. Sahimos.

Cá fóra, a lua dardejava sua luz morticia nas janelas do edificio e os automoveis iam e vinham, pela Avenida em fóra, com toda a velocidade. Eu, pelo caminho até casa, n'um profundo abatimento de espirito, senti pela vez primeira pena no meu paiz, de tantos recursos naturaes, mas tão mal explorado e dirigido.

ANTONIO CRAVO.



Publicações

Relatorio que a Administração da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa dirigiu ao Ex.^{mo} Sr. Ministro do Interior da Republica Portuguesa com as contas da gerencia, no anno economico de 1912-1913. — E' um documento altamente honroso da administração da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa á frente da qual se encontra o nome respeitavel do sr. Antonio Augusto Pereira de Miranda que superior, zelosa e inteligentemente dirige este primeiro estabelecimento de assistencia publica.

Muito desensolvidos e minuciosos são os mapas que este relatorio apresenta da receita e despesa effectivas do anno economico

de 1912 1913, sendo a primeira de 321:568\$353 e a segunda de 323:768\$226 incluindo nesta a capitalisação de 2.669\$885 em titulos.

Na despesa as verbas que mais avultam são: Assistencia infantil e outras despesas 128:717\$589; Legados e outros encargos, 38:388\$615; Serviços medicos-farmaceuticos 37:743\$342; Sopa de caridade 35:720\$520. Estas somas, tirada a de legados, demonstram a importancia dos beneficios que esta instituição presta á cidade de Lisboa; mas ha ainda a consignar a de 14:446\$409, que despende com o Recolhimento das Orfãs, onde estas recebem educação; a verba de 10:661\$072 com os Hospitales do Amparo e Sant'Ana, destinado a velhos desamparados; a verba de 10:005\$170 de subsidios para rendas de casa. Outras verbas importou *Gastos geraes com os presos; Serviço mortuario; Balneario; Hospital de S. José*, etc., que a todas as necessidades da assistencia publica acode a Misericórdia de Lisboa com a sua quota importante.

Muito minuciosos são tambem os mapas do *Movimento Clinico das Enfermarias do Hospital dos Expostos de Lisboa e das Enfermarias do Posto Permanente de Socorros Medicos*, sob a direcção do sr. dr. Alfredo Luis Lopes, evidenciando-se o bom serviço que esta moderna instituição da Misericórdia está prestando á cidade. Os expostos a cargo da Misericórdia de Lisboa eram, em 30 de junho de 1913, 1:506.

Eis, em resumo, o que nos pareceu mais importante de registrar, deste relatorio que conta 81 paginas in-folio incluindo mapas.

Alma de Creança, por Dostoiewski — Tradução de Henrique Marques Junior — Guimarães & C.^a — Editôres.

Do nosso amigo e colaboradôr sr. Henrique Marques Junior recebemos este belo livro que confirma plenamente, mais uma vez, os seus créditos de tradutôr consciencioso. Conheciamos já esta novela estranhamente impressionante do grande romancista russo. Ler Dostoiewski — é transportar a alma através dum mundo para nós sempre novo, divinamente extatica de beleza e humanamente confrangida de sofrimento. Sentimos o espirito enrodilhado de misterio. Envolve, em aureola, o nosso coração, uma nebulose criadôra de idealidade. A meio da

leitura, cingem-nos dolorosamente as agulhas frigiditas duma tortura pungentissima, parece que o espirito se nos perde alheadamente, vitima do vago, mas cruciado dum sentimento bem real; é dôr proseguir a leitura, entretanto, maior dôr seria interrompê-la sequer... Aquella imaginação persegue-nos sempre, torna-se para nós uma obsessão. No momento, ama-se o proprio sofrimento e bemdiz-se o autôr porque nos fez sofrer tanto. Dahi, uma emoção suavissima de piedade por toda a vida humana alanceada de ambições e estorcegada de dôr. O autôr dá-nos a mão e iniciamos, prostrados de amôr, na religião do sofrimento humano.

Bem haja o sr. Marques Junior que soube tra-

duzir, com tanto carinho, esta pequenina obra do supremo romancista russo.

A's Mães. — Em segunda edição publicou a Misericordia de Lisboa, um livrinho de propaganda de conselhos ás mães, baseados na sciencia para bem crearem seus filhos, recomendando que observem, tanto quanto lhes seja permitido, os preceitos higienicos e de amamentação. Bom seria que este livrinho chegasse a todas as mães que saibam lêr... e que todos façam dele propaganda aconselhando aquellas que são analfabetas... infelizmente o maior numero.

A aquisição deste livrinho é facilima, pois que a Misericordia o distribue gratuitamente.

The Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Limited

SUCCESSORES DA

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS
Auto Palace — Rua Alexandre Herculano

A CASA MAIS IMPORTANTE EM PORTUGAL * AUTOMOVEIS DE TODAS AS MARCAS

Grandes officinas de construcção
e reparação de carroseries e reparações de automoveis

AGENTES EXCLUSIVOS DAS CASAS DE:

Dion Bouton—Renault—Brasier—Dietrich—Isotta Fraschini

The Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Limited

SUCCESSORES DA

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS

Auto Palace — Rua Alexandre Herculano

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CASA PARIS — Rua d'Assunção, 56 — LISBOA —

Grande e variado sortimento de brinquedos, quin-
quillherias e artigos propios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho ♦ Preço fixo

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904
Xarope Peitoral James
Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888,
Paris 1889, Belem 1893,
Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

**Heráico contra todas as afeções dos or-
gãos respiratorios, taes como: tosses re-
beldes ou convulsas, ataques asmaticos,
bronquites agudas ou crónicas. Legal-
mente autorizado pelo Conselho de Saude
Publica de Portugal e pela Inspectoria
Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.**

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS
Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS
PEDRO FRANCO & C.^a
Rua de Belem, 147 — LISBOA